

O DILÚVIO

Pr. Albino Marks

O capítulo 6 de Gênesis relata que a corrupção e a maldade humana se haviam multiplicado sobre a Terra, e por essa razão Deus interveio com o dilúvio e destruiu toda a humanidade e toda a natureza, preservando apenas Noé, sua família e um grande número de animais, na arca que ele construía por ordem e instruções de Deus.

Os capítulos 7 e 8 descrevem o dilúvio, o tempo passado por Noé, sua família e os animais recolhidos, dentro da arca, aguardando as águas do dilúvio baixarem para dar um novo início às atividades na Terra.

Para compreender o relato de Moisés é preciso dar atenção as informações em seus detalhes.

Para acompanhar os comentários do Dilúvio, acesse...

A CRONOLOGIA DO DILÚVIO

A linha genealógica humana de Jesus, desde a queda de Adão até o nascimento de Noé, soma 1.056 anos. No seu relato sobre o dilúvio, Moisés declarou que *“Noé tinha seiscentos anos de idade quando as águas do dilúvio vieram sobre a terra”*.

Portanto, essa catástrofe teve lugar no ano 1.656-1657, considerando a contagem como progressiva, dentro do calendário bíblico, que teve o seu início com a queda de Adão, e contendo sucintas informações históricas registradas nas Escrituras. Ou, no ano 2.344 a.C., na contagem regressiva, partindo do nascimento de Jesus.

Tempo de Noé na arca. Prosseguindo no relato, Moisés adiciona detalhes importantes: *“no dia em que Noé completou seiscentos anos, um mês e dezessete dias, nesse mesmo dia todas as fontes das grandes profundezas jorraram, e as comportas do céu se abriram”* (Gn 7:6, 11, NVI).

Noé estava com seiscentos anos um mês e dezessete dias de vida, quando as comportas dos céus foram abertas e o dilúvio começou.

Descrevendo o final do dilúvio, Moisés informa que: *“no vigésimo sétimo dia do segundo mês, a terra estava completamente seca. Então Deus disse a Noé: ‘saia da arca, você e sua mulher, seus filhos e as mulheres deles’* (Gn 8:14-16, NVI).

Noé estava com seiscentos e um anos, um mês e vinte sete dias quando saiu da arca.

Portanto, fundamentados no relato, partindo do dia dezessete do segundo mês, do ano 1.656, até o vigésimo sétimo dia do segundo mês do ano 1.657, compreende-se que o período soma um ano e onze dias.

Adicionando a esse período a informação de Gênesis 7:4: *“porque, passados ainda sete dias, farei chover sobre a terra”* (AA, ARC, TB), o tempo completo que Noé, sua família e os animais permaneceram na arca, soma um ano e dezoito dias, ou trezentos setenta e oito dias, compreendendo que os sete dias de espera iniciam no décimo dia do segundo mês dos seiscentos anos da vida de Noé.

Grande parte de traduções verte o texto: *“daqui a sete dias farei chover sobre a terra”*, que comunica a ideia de que o dilúvio iniciaria no sétimo dia, e nesse contexto Noé e os animais entraram na arca no dia onze do segundo mês, diminuindo um dia do tempo total de permanência na arca.

Declaração intrigante. O início do capítulo 8 de Gênesis traz uma informação profundamente importante e significativa sobre o dilúvio e a arca, mas também muito intrigante na síntese de seu conteúdo dando oportunidade a compreensão equivocada do que realmente aconteceu, porque a sequência da cronologia do dilúvio revela uma manifestação de magnitude em sua grandeza que extrapola em muito o pouso da arca: *“as águas foram baixando pouco a pouco sobre a terra. Ao fim de cento e cinquenta dias, as águas tinham diminuído, e, no décimo sétimo dia do sétimo mês, a arca pousou nas montanhas de Ararate”* (Gn 8:3, 4, NVI).

Se Noé permaneceu na arca mais de um ano, trezentos setenta e oito dias, como entender e harmonizar com a declaração de que *“ao fim de cento e*

cinquenta dias, a arca pousou nas montanhas de Ararate?” E isso, com data bem definida: *“no décimo sétimo dia do sétimo mês”*.

Isso significa que entre a entrada de Noé, com a sua família e todos os animais na arca, e seu pouso cento cinquenta e oito dias depois, *“no décimo sétimo dia do sétimo mês”*, permaneceram na arca depois de pousar, mais duzentos vinte e um dias, aguardando a orientação de Deus para então desembarcar, Faz sentido?

O período de cento e cinquenta dias precisa ser contado a partir do decimo sétimo dia do segundo mês, do ano seiscentos da vida de Noé, início dos quarenta dias do dilúvio. No entanto esse período foi precedido por sete dias de espera.

“Topos das montanhas” Logo a seguir da declaração: *“no décimo sétimo dia do sétimo mês, a arca pousou nas montanhas de Ararate”* (Gn 8:4, NVI), o relato traz uma informação que se apresenta contraditória ao pouso da arca nas montanhas de Ararate: *“As águas continuaram a baixar até o décimo mês, e no primeiro dia do décimo mês apareceram os topos das montanhas”* (Gn 8:5, NVI).

Como somente setenta e quatro dias depois, com as águas baixando, *“no primeiro dia do décimo mês apareceram os topos das montanhas”* (Gn 8:5, NVI), a arca não podia estar pousada *“no décimo sétimo dia do sétimo mês”*, porque toda a Terra, até os mais altos topos das montanhas, estava coberta de água.

Corvo e pombas. Quando Noé viu o aparecimento do topo das montanhas, *“no primeiro dia do décimo mês”*, esperou *“quarenta dias, Noé abriu a janela que fizera na arca, [...] e soltou um corvo”* (Gn 8:6, 7 NVI), correspondendo ao décimo dia do décimo primeiro mês, mas deste é declarado que *“ficou dando voltas”* (Gn 8:7, NVI). “A Bíblia de Jerusalém”, traduz: *“que foi e voltou”*. Se *“ficou dando voltas”*, pode ter pousado sobre a arca. Se *“foi e voltou”*, sugere que retornou para dentro da arca por não encontrar lugar no solo para pousar. Se não encontrou lugar para pousar, é porque a arca também não estava pousada, mas boiando sobre as águas do dilúvio. Se a arca estivesse pousada em terra, há cento e catorze dias, o corvo teria lugar onde pousar, bem ao lado da arca. Noé teria soltado o corvo se a arca já estivesse pousada?

Alguns dias depois soltou uma pomba para se certificar “se as águas tinham diminuído na superfície da terra” (Gn 8:8, NVI). Essa também retornou, porque não encontrou lugar para pousar. Noé esperou mais sete dias e novamente soltou a pomba, que retornou trazendo “em seu bico uma folha nova de oliveira” (Gn 8:11, NV).

Como entre a saída do corvo e da primeira saída da pomba, Moisés não especifica quantos dias passaram, mas pela maneira de redigir o tempo para soltar novamente a pomba: “ele esperou ainda outros sete dias” (Gn 8:10, BJ), pode compreender-se que o espaço foi de sete dias. Em “Patriarcas e Profetas” é declarado: “Sete dias mais tarde uma pomba foi enviada, a qual, não encontrando onde pousar, voltou à arca. Noé esperou mais sete dias, e de novo enviou a pomba. Quando ela voltou à tarde com uma folha de oliveira no bico” (PP, p. 77).

Fundamentado nessa sequência, cento vinte e um dias depois do “*décimo sétimo dia do sétimo mês*”, a arca não podia ter pousado porque a pomba não encontrou lugar para pousar.

Quando soltou a pomba segunda vez, no dia vinte e quatro do décimo primeiro mês, cento e vinte oito dias depois do suposto pouso nas montanhas de Ararate, a pomba voltou trazendo uma folha nova de oliveira no bico, evidência clara de que encontrou terra seca. No entanto, a arca ainda estava sobre as águas.

Sete dias depois, soltou novamente a pomba e esta não voltou. Isto aconteceu no primeiro dia do décimo segundo mês do ano seiscentos da vida de Noé, cento trinta e cinco dias depois do “*décimo sétimo dia do sétimo mês*”. A pomba não voltou, mas a arca continuava boiando.

“Secaram-se as águas na terra”. Então Moisés relatou: “no primeiro dia do primeiro mês do ano seiscentos e um da vida de Noé, secaram-se as águas na terra” (Gn 8:13, NVI), e a Terra apresentava condições para a arca pousar.

“Secaram-se as águas na terra”, isto é, na altitude e local em que a arca pousou, que não está explícito no relato de Moises, a terra estava seca, mas

ainda havia muita água abaixo para minguar até a altitude zero, determinando o nível dos oceanos.

Avaliar ou calcular a velocidade do baixar das águas torna-se difícil, porque é preciso compreender a atuação de Deus na condução do processo.

Quando, então, pousou a arca? Moisés não declarou que a arca pousou nesse dia, *"no primeiro dia do primeiro mês do ano seiscentos e um da vida de Noé"*, mas subentende-se que assim aconteceu, cento sessenta e cinco dias depois do *"décimo sétimo dia do sétimo mês"*, e, trezentos vinte e dois dias depois de Noé entrar a arca.

"A terra estava completamente seca". Moisés adicionou mais uma informação importante: *"no vigésimo sétimo dia do segundo mês, a terra estava completamente seca. Então Deus disse a Noé: 'saia da arca'. [...] Então Noé saiu da arca"* (Gn 8:14, 15, 18, NVI),

Cinquenta e seis dias ainda se passaram até o completo baixar das águas determinando que a terra estava *"completamente seca"*, e os oceanos receberam o seu limite: *"Quem represou o mar pondo-lhe portas. [...] Quando fixei os seus limites e lhe coloquei portas e barreiras, quando eu lhe disse: Até aqui você pode vir, além desse ponto não; aqui faço parar as suas ondas orgulhosas?"* (Jó 38:8, 11, NVI).

Entre a informação de que *"no décimo sétimo dia do sétimo mês, a arca pousou nas montanhas de Ararate"* (Gn 8:5, NVI), e que *"no vigésimo sétimo dia do segundo mês, a terra estava completamente seca. Então Deus disse a Noé: 'saia da arca'. [...] Então Noé saiu da arca"* (Gn 8:6, 7, 13, 14, 15, 18, NVI), transcorreu um período de cento sessenta e cinco dias, com as águas baixando para realmente acontecer o pouso da arca, e cinquenta e seis dias mais, para o completo secamento da Terra, torna inviável e impossível o pouso da arca cento e cinquenta dias depois de começar o dilúvio, porque a Terra estava coberta de água.

A arca pousou *"no primeiro dia do primeiro mês do ano seiscentos e um da vida de Noé"*, trezentos vinte e dois dias depois de Noé entrar na arca e, por ordem de Deus, decorridos mais cinquenta e seis dias, *"no vigésimo sétimo dia*

do segundo mês, [...] Noé saiu da arca” (Gn 8:14, 18, NVI), depois de trezentos setenta e oito dias de permanência na arca.

A TOPOGEOGRAFIA DO POUSO DA ARCA

Onde pousou a arca em terra seca para que Noé, sua família e todos os animais pudessem desembarcar? Analisemos algumas questões mais, muito importantes, que iluminam esse detalhe.

Topogeografia. Qual a topogeografia do mundo como resultado da catástrofe mundial do dilúvio? Algumas questões muito importantes precisam ser avaliadas: A primeira e mais importante: a distribuição de águas e continentes, cordilheiras de montanhas, vales, planícies, rios e lagos, se apresentou como a conhecemos hoje.

Outra questão importante que merece atenção, é que ao fim do dilúvio nenhum local tinha identificação pelo nome. Como entender o relato de Moisés atribuindo nomes a diferentes locais?

As montanhas Ararate. Em Gênesis 8:4, Moisés informa: *“no décimo sétimo dia do sétimo mês, a arca pousou nas montanhas de Ararate*” (Gn 8:4, NVI).

Nome. Quando a arca pousou, o local não tinha nome. De que fonte Moisés buscou a informação do nome? Quem deu o nome ao local do pouso da arca?

Duas alternativas merecem análise: o nome foi informado para Moisés pelo Espírito Santo, inspirador de toda a Escritura Sagrada (2Tm 3:16). Ele sabia com séculos de antecedência que este seria o nome dado às montanhas.

Considerando que *“o Senhor, o Soberano, não faz coisa alguma sem revelar o seu plano aos seus servos, os profetas”*, essa é uma alternativa viável para o nome das montanhas, que teriam recebido o nome quando ainda estavam cobertas por um grande volume de água, e revelando esse nome para Moisés nove séculos depois do acontecimento.

O nome também pode ter sido dado por Noé. Quando *“no primeiro dia do décimo mês aparecerem os topos das montanhas”* (Gn 8:5, NVI), Noé,

surpreendido pela fantástica visão, pode ter exclamado em sua linguagem: Ararat, referindo à montanha, que atualmente na língua turca, é denominada “*Aghri-Dagh*, significando: “escarpado monte”.

Nessa alternativa, Noé teria passado para os descendentes a emoção que inundou o seu ser depois de duzentos vinte e cinco dias, considerando que o dilúvio começou no dia dezessete do segundo mês do ano seiscentos da vida de Noé, vendo somente água pela janela do seu barco, avistar um penhasco emergindo das águas. Essa emocionante narrativa chegou até Moisés, nove séculos depois e ele registrou o grande acontecimento. No entanto, essa alternativa não anula a ação do Espírito Santo, inspirando-a a Noé e preservando-a.

Pela localização, muito provavelmente as montanhas de Ararate ainda não eram conhecidas por seres humanos nos dias de Moisés, e despertavam as emoções dos que ouviam o fantástico relato do barco sobre as águas do dilúvio e da maravilhosa visão de Noé.

Fundamentados no relato do profeta Isaías: “*certo dia, quando estava adorando no templo de seu deus Nisroque, seus filhos Adrameleque e Sarezer o feriram à espada, e fugiram para a terra de Ararate*” (Is.37;3, NVI), pode compreender-se que as montanhas Ararate, mais de 1500 anos depois do dilúvio, ainda era uma região remota e pouco habitada, servindo de esconderijo para os assassinos do rei Senaqueribe.

Localização. As montanhas de Ararate situam-se na divisa entre a Turquia e a Armênia, e os topos mais altos ultrapassam cinco mil metros de altitude. As montanhas distam mais de seiscentos e cinquenta quilômetros ao norte da planície de Sinear, na Mesopotâmia. A localização dos dois locais é muito importante para compreender a informação de Moisés sobre o pouso da arca.

“A planície de Sinear”. Situa-se na Mesopotâmia, em torno de seiscentos e cinquenta quilômetros ao sul das montanhas de Ararate. Banhada pelo rio Eufrates, dista cerca de setecentos e cinquenta quilômetros de Harã, na direção para o ocidente-norte. Foi na planície de Sinear que se estabeleceu grande parte dos descendentes de Noé (Gn 10:10, 22-25 e 11:2).

“Reservatórios de neve”. No livro de Jó Deus traz uma informação significativa, registrada por Moisés, que precisa ser considerada em sua relação com o dilúvio e o pouso da arca: *“Acaso você entrou nos reservatórios de neve, já viu os depósitos de saraiva, que eu guardo para os períodos de tribulação, para os dias de guerra e de combate?”* (Jó 38:22, 23, NVI).

Quando Deus formou os reservatórios de neve e de saraiva?

Quando criado, o mundo tinha um clima uniforme e agradável. Não havia temperaturas extremas.

Com o dilúvio e o baixar de suas águas apareceram as temperaturas variadas. Quanto maior a altitude, mais extremas as temperaturas de frio. Os topos mais altos das montanhas de Ararate, com mais de cinco mil metros de altitude, quando as águas baixaram, congelaram e formaram os reservatórios de neve, desde seus topos até cerca de dois mil e quinhentos metros de altitude, inviabilizando o desembarque de Noé com todos os animais. Entende-se que todas as altas montanhas do planeta, tiveram a sua formação dos reservatórios de neve e saraiva, com o baixar das águas do dilúvio.

É importante lembrar que o livro de Jó foi escrito por Moisés antes de escrever o relato do Gênesis, e faz esta referência aos reservatórios de neve, portanto eles já existiam quando Moisés escreveu o Gênesis.

O rio Eufrates O rio Eufrates tem as suas nascentes a mais de 2.500 metros de altitude, no território da Turquia, mas não nas montanhas Ararate, que distam mais de duzentos quilômetros na direção oriente-norte. Percorre mais de 2.800 quilômetros, tomando desde as nascentes a direção oriente-ocidente sul, virando em curva acentuada para a direção norte-sul e tomar com outra curva forte, a direção ocidente-oriente sul, nas proximidades de Harã. Seguindo essa direção, passa pela planície de Sinear, para desaguar no golfo Pérsico depois de sua confluência com o rio Tigre, e tomando o nome Shatt al Arab.

As distâncias em linha reta, da foz até a planície de Sinear, tomando como referência a cidade de Babilônia, somam em torno de quatrocentos quilômetros. Da planície de Sinear até Harã, somam em torno de setecentos quilômetros.

É preciso entender que à medida que as águas do dilúvio baixavam, os rios tomavam o seu curso, alimentados pelas geleiras das montanhas mais altas e pelos mananciais que brotavam da terra abaixo das geleiras. A topogeografia torna inviável o pouso da arca em altitude superior a dois mil e quinhentos metros de altitude

LOCALIZANDO O POUSO DA ARCA

“Folha nova de oliveira”. Qual a importância e o significado dessa informação da pomba, trazendo *“em seu bico uma folha nova de oliveira?”* (Gn 8:11, NV).

A oliveira é uma planta que se adapta bem em altitudes entre 200 e 1.300 metros e clima temperado entre 5 a 35 graus. Portanto, quando a pomba voltou com uma folha nova de oliveira no bico, provavelmente no dia vinte e quatro do décimo primeiro mês do ano seiscentos da vida de Noé, a arca já estava abaixo dos mil e trezentos metros de altitude, bem abaixo dos reservatórios de neve que se formaram há poucas semanas desde o topo das montanhas até cerca de dois mil e quinhentos metros de altitude.

A pomba, em seu voo, deve ter tomado a direção norte e deve ter viajado algumas horas para encontrar a terra sem as águas do dilúvio e onde já havia brotado uma oliveira, bem como outras plantas. A pomba arrancou uma das poucas folhas da planta nascida há poucos dias e a levou para Noé. O texto declara que *“a pomba voltou para ele ao entardecer”* (Gn 8:11, BJ). Certamente a pomba foi solta depois do amanhecer e demorou algumas horas para retornar. O pombo correio percorre uma distância acima de noventa quilômetros por hora.

Com base nessa velocidade, podemos imaginar a pomba voando algumas centenas de quilômetros sobre as águas, passando por terreno lodoso e chegando a um local onde as ervas, arbustos e árvores já estavam brotando. Apanhou uma folha de oliveira nascida há poucos dias e a levou para Noé, chegando de volta ao entardecer.

Onde pousou a arca? Avaliando a informação da *“folha de oliveira no bico da pomba”*, trazida para Noé, que deve ter acontecido no vigésimo quarto dia do décimo primeiro mês e, trinta e sete dias depois, *“no primeiro dia do*

primeiro mês do ano seiscentos e um da vida de Noé, secaram-se as águas na terra”, a arca pousou, não nas alturas dos reservatórios de neve das montanhas de Ararate, acima dos três mil metros, mas em uma região de clima agradável, ameno e propício para o desenvolvimento da vida vegetal e animal.

Noé saindo da arca. Quando a arca pousou, o solo da terra estava em estado lodoso, e abaixo do seu pouso ainda havia muita água para baixar até a altitude zero, o limite dos oceanos.

Noé permaneceu na arca, enquanto Deus atuava no sentido de secar a terra, conferindo ao solo seu estado normal, fazer brotar da terra toda e espécie de ervas, arbustos e árvores, o que acontecia à medida que as águas do dilúvio baixavam. Cerca de trinta e sete dias antes de a arca pousar, a pomba encontrou uma oliveira que brotara há poucos dias porque o local já se encontrava acima do nível das águas do dilúvio.

Quando a Terra estava tomando a forma de um imenso e formoso jardim, trezentos e setenta e oito dias depois de Noé entrar na arca, no *“ano seiscentos e um da vida de Noé, [...] no vigésimo sétimo dia do segundo mês, [...] Deus disse a Noé: ‘saia da arca’. [...] Então Noé saiu da arca”* (Gn 8:13 -18, NVI),

Quando Noé saiu da arca e chegou às margens do rio, recebeu o impacto da lembrança do rio Eufrates que saindo do jardim do Éden irrigava toda a Terra, e deu-lhe o nome de Eufrates. Esse detalhe não se encontra nos relatos de Moisés, mas é uma hipótese viável para o nome.

A vinha de Noé. Moisés informa que *“Noé, que era agricultor, foi o primeiro a plantar uma vinha”* (Gn 9:20, NVI). Em nossos dias, com toda a tecnologia, conseguem-se variedades de videiras adaptando-as ao clima, temperatura e altitude. Considerando a média das informações, a parreira adapta-se bem a temperaturas entre 10 a 30 graus centígrados e altitudes entre cem a mil e quinhentos metros. É possível imaginar Noé plantando uma vinha acima dos dois mil metros, próximo dos reservatórios de neve? Não é uma altitude ideal para o cultivo de videiras

Arã, filho de Sem. É importante dar atenção a uma prática bastante comum dos personagens bíblicos, dar o seu nome às terras ou à região onde

viviam com o seu clã. A área podia ser menor ou maior, dependendo do número de membros das famílias que compunham o clã.

Registrando os descendentes de Sem, Moises informa: *“estes foram os filhos de Sem: Elão, Assur, Arfaxade, Lude e Arã”* (Gn 10:22, NVI).

Quando a arca pousou, o local não tinha nome. Mas é significativo o nome do quinto filho de Sem: Arã. De seus irmãos, Assur, Elão e Arfaxade com descendentes seus, subentende-se que migraram para o leste: *“a região onde viviam estendia-se de Mesa até Sefar, nas colinas ao leste”* (Gn 10:30, NVI).

Não há nenhuma referência de que Arã acompanhou um movimento migratório. No entanto, como a região recebeu o nome Harã, é uma forte indicação de que permaneceu nas terras do seu nascimento, que com a passagem do tempo receberam o seu nome.

Nesse contexto encontramos no nome de Arã, neto de Noé, que deve ter nascido entre quinze a vinte anos depois do dilúvio, fixando residência em sua terra natal, a mais viável evidência de que a arca pousou em algum local da região de Harã, nas margens do rio Eufrates, que pode ter recebido esse nome de Noé, lembrando o rio Eufrates que conhecia antes do dilúvio, mas era outro rio. Harã recebeu o nome do neto de Noé: Arã

Quando, *“no primeiro dia do décimo mês apareceram os topos das montanhas”* (Gn 8:5, NVI), durante noventa dias, Deus conduziu a arca, de cima das montanhas de Ararate, para o local, onde, *“no primeiro dia do primeiro mês do ano seiscentos e um da vida de Noé, secaram-se as águas na terra”*, ela pousou, provavelmente entre oitocentos a quinhentos metros de altitude, na região de Harã, e entre seiscentos e oitocentos quilômetros da planície de Sinear.

Moisés deixou uma informação muito importante: *“como os homens emigrassem para o oriente, encontraram um vale na terra de Senaar e aí se estabeleceram”* (Gn 11:2, BJ).

Analisemos esse detalhe determinante para o local do pouso da arca. O relato de Moisés não declara que os descendentes de Noé emigraram do norte

para o sul, vindo das montanhas de Ararate, e encontrando a planície de Sinear, mas do ocidente para o oriente.

Se os descendentes de Noé tivessem emigrado do norte, vindo das montanhas de Ararate, para o sul, enfrentariam uma extensa região montanhosa e chegariam primeiro às margens do rio Tigre, e certamente se estabeleceriam nessa região, não chegando à planície de Sinear, banhada pelo rio Eufrates. Encontramos nesse roteiro de migração um forte argumento que inviabiliza o pouso da arca nas montanhas de Ararate.

Se emigraram do ocidente para o oriente, chegando à planície de Sinear, irrigada pelo rio Eufrates, eles partiram das margens do rio, entre seiscentos a oitocentos quilômetro da planície, depois de o Eufrates tomar a direção ocidente-oriental, antes de chegar na região de Harã. Essa migração descendo para a planície de Sinear, pode ter sido feita margeando o rio Eufrates, ou mesmo valendo-se dele como via de transporte.

Canaã. Outro neto de Noé, Canaã, filho de Cam, migrou de Harã para o sul, estabelecendo os seus descendentes na região que recebeu o seu nome: Canaã. Ali, a sua descendência se espalhou: *“Canaã gerou Sidom, seu filho mais velho, e Heber, como também os jebuseus, os amorreus, os girgaseus, os heveus, os arqueus, os sineus, os arvadeus, os zemareus e os hamateus. Posteriormente os clãs cananeus se espalharam”* (Gn 11:15-18, NVI).

A região de Canaã foi prometida por Deus como herança dos descendentes de Abraão: *“Abraão ficou na terra de Canaã. [...] Disse Deus a Abraão, depois que Ló separou-se dele. De onde você está, olhe para o norte, para o sul, para o leste e para o oeste; toda a terra que você está vendo darei a você e a sua descendência para sempre”* (Gn 13:12, 14, NVI).

Não deixa de ser interessante e mesmo importante que praticamente quatro séculos e meio depois do dilúvio, no ano 1877 a.C., *“partiu Abrão, como lhe ordenara o Senhor, e Ló foi com ele. Abrão tinha setenta e cinco anos quando saiu de Harã. [...] partiram para a terra de Canaã e lá chegaram”* (Gn 12:4, 5, NVI). Abrão partiu de Harã para Canaã.

Acompanhando a peregrinação migratória de Abraão, a topogeografia era a mesma de quatro séculos e meio passados. Uma parte dos descendentes de Noé migrou de Harã para o oriente passando pela planície de Sinear, chegando e mesmo indo além de Ur, onde Abraão nasceu. Outra parte dos descendentes de Noé, de Harã, migrou para o sul estabelecendo-se em Canaã e com o passar do tempo, dirigindo-se para além do Egito.

Abraão partiu de Ur, sua terra natal, migrou até Harã seguindo o mesmo caminho de seus ascendentes, em direção contrária. De Harã, migrou para Canaã e chegou até o Egito, seguido a mesma rota dos ascendentes, em torno de três séculos antes.

O apóstolo Paulo escreveu: *“toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino. [...] Pois tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar”* (2Tm 3:16, Rm 15:4, NVI).

Relatos aparentemente sem maior importância, como a folha de oliveira no bico de uma pomba, a vinha plantada por Noé, o nome dos seus netos, Arã e Canaã, revelam lições de profundos significados para dar compreensão sobre o programa de ação e os desígnios de Deus em relação ao grande conflito espiritual e o plano da salvação.

PROCURANDO A ARCA

Em torno da localização da arca construída por Noé já houve muita especulação, mas nenhuma comprovação inquestionável.

Compreensão equivocada. No contexto da análise, a compreensão equivocada da informação de Moisés, com traduções não comunicando a ideia correta do verdadeiro acontecimento, *“no décimo sétimo dia do sétimo mês”*, conduziu para buscas cansativas, frustrantes e infrutíferas, em local errado. Também, no contexto analisado, a arca nunca será encontrada. Ela pode ter sobrevivido alguns séculos. Assim que o repovoamento da Terra cresceu, não pode ter acontecido de esses habitantes desmontarem a arca para usar o material na construção de seus próprios abrigos? Se admitirmos esta hipótese como fato acontecido, o que teria sobrado da arca?

A título de desafio despertando a curiosidade, o ser humano é curioso e gosta de desafios, se alguém se lançar a aventura de percorrer as margens do rio Eufrates na região de Harã, em busca de choupanas bem antigas, erguidas com *“madeira de cipreste, revestidas de piche por dentro e por fora”*, ou construções simples com características de quatro mil anos de existência, *“de madeira resinosa, calafetadas com betume por dentro e por fora”* (Gn 6:14, NVI, BJ), terá a grande probabilidade de ter encontrado vestígios da arca.

Quando avaliamos que a história bíblica tem como centro a revelação do plano da redenção, a ideia da destruição da arca torna-se um fato concreto. Já imaginaram que centro de romaria espiritual e exploração humana poderia ter-se tornado esse barco poucos séculos depois do dilúvio?

Cumprindo o propósito de sua missão. A serpente de bronze que foi feita por Moisés e serviu de instrumento de cura e salvação para os israelitas picados pelas serpentes do deserto, foi destruída cerca de seis séculos depois pelo rei Ezequias, pois se tornou um instrumento de corrupção espiritual. *“Despedaçou a serpente de bronze que Moisés havia feito, pois até aquela época os israelitas lhe queimavam incenso. Era chamada Neustã”* (2Rs 18:4, NVI).

Avaliem o que teria acontecido com a arca para iludir pecadores com bênçãos que poderiam ser obtidas por algum ato de oferta e adoração.

Se a arca houvesse subsistido às intempéries do tempo para servir de prova de que Deus por meio dela preservou com vida a Noé, sua família e todos os animais, para dar um novo começo à vida em nosso planeta, o reconhecimento com facilidade seria desviado. A glória passaria a ser atribuída a Noé por seu gênio de sabedoria e seu grande espírito criativo. Certamente até hoje teríamos muitas peregrinações para algum local nas margens do rio Eufrates, prestando homenagens para Noé.

A serpente de bronze erguida por Moisés no deserto, tinha um propósito: oferecer perdão e vida para pecadores rebeldes que olhando com fé para a serpente suplicavam perdão e cura. Ela cumpriu esse propósito com a geração de israelitas vagando pelo deserto. As gerações futuras transformaram o instrumento de perdão, cura e vida, em abominável instrumento de idolatria.

A arca foi o instrumento de Deus para revelar o Seu amor, perdão, cura do pecado e vida, preservando um remanescente de seres humanos e animais para dar um novo começo a Seu plano de amor e redenção, para um mundo rebelde, dominado por Satanás e a temporalidade do pecado. Ela cumpriu esse propósito no seu devido tempo. Para evitar que fosse transformada em instrumento de idolatria, Deus permitiu a sua destruição. A realidade mais evidente é que nem a arca nem vestígios serão encontrados.

Para aqueles que esperam pela descoberta da arca como argumento para convencer incrédulos da veracidade do dilúvio, a resposta de Jesus é a mais adequada: *“eles têm Moisés e os profetas, que os ouçam. [...] Se não ouvem Moisés e os Profetas, tão pouco se deixarão convencer, ainda que (a arca seja descoberta)”* (Lc 16:31).

Jesus ressuscitou Lázaro, e aqueles que não criam nEle pelo testemunho das Escrituras, planejaram matá-Lo depois da ressurreição de Lázaro.

Nesse período da temporalidade do pecado da história humana, uma questão necessita ser muito bem compreendida: O grande conflito cósmico está em desenvolvimento neste mundo e o que realmente tem significado para os pecadores necessitados de salvação, é conhecer a revelação do amor de Deus e a malignidade da ação de Satanás e seus demônios. Esta é a história que Gênesis registra nos primeiros oito capítulos.

O capítulo 9 de Gênesis registra a aliança de Deus com Noé, reafirmando o centro da história bíblica: o grande conflito espiritual cósmico entre Cristo e Satanás e a revelação do plano da redenção, oferecido pela graça de Deus, para os pecadores vivendo sob a temporalidade do pecado, *“oprimidos pelo Diabo”* (At 10:38, NVI).

Deus fez a promessa para Noé, mas que é válida para toda a humanidade, até o glorioso dia da restauração do planeta Terra ao domínio do Reino eterno de Deus, de nunca mais destruir a Terra por meio de um dilúvio, colocando o arco-íris entre as nuvens como sinal da Sua fidelidade para com a raça humana.

Aliás, o arco-íris é um mistério anda não explicado pela ciência. A sua disposição sempre em forma de arco. Por quê? Por que não aparece em forma

retilínea, em ziguezague ou outra qualquer? As suas cores, sempre na mesma disposição. Por que não aparecem de maneira diferente, quebrando a sua sequência? Esse arco é obra do Deus eterno e testemunha a Sua graça e fidelidade.

O profeta João, nas revelações do plano redentor, recebeu uma visão mostrando *“um trono no céu e nele estava assentado alguém. Aquele que estava assentado era de aspecto semelhante a jaspe e sardônico. Um arco-íris, parecendo como esmeralda, circundava o trono de Deus”* (Ap 4:3, NVI), revelando que a eterna graça de Deus circunda como um manto protetor a todos aqueles que aceitam o Seu plano de salvação. E, como escreveu Victor Armenteros: *“por isso, eu lhe digo: deseje intensamente esse momento. E enquanto ele não chega, mantenha o arco-íris da graça em seu coração”* (MM, 2024, p. 359).

“POUSOU NAS MONTANHAS DE ARARATE”

Mas o que aconteceu de importante, e como, então, entender: *“e, no décimo sétimo dia do sétimo mês, a arca pousou nas montanhas de Ararate?”* (Gn 8:4, NVI).

Buscando compreensão. Moisés faz uma declaração muito importante e significativa: *“e as águas permaneceram sobre a terra cento e cinquenta dias”* (Gn 7:24, NVI). Continuando, declarou: *“Então Deus lembrou-se de Noé, [...] e enviou um vento sobre a terra, e as águas começaram a baixar. [...] Ao fim de cento e cinquenta dias, as águas tinham diminuído, e, no décimo sétimo dia do sétimo mês, a arca pousou nas montanhas de Ararate”* (Gn 8:1-4, NVI).

Atentemos para outras traduções: *“e as águas predominaram sobre a terra durante cento e cinquenta dias. [...] Lembrou-se, então, Deus de Noé, [...] e fez soprar um vento sobre a terra, e as águas baixaram. [...] as águas retiraram-se progressivamente do continente, e ao término de cento e cinquenta dias começaram a baixar. No sétimo mês no décimo sétimo dia do mês, a arca pousou sobre os montes do Ararat”* (Gn 8:3, 4, PIBR).

Destaco: *“e ao término de cento e cinquenta dias começaram a baixar, [...] a arca pousou sobre os montes do Ararat”*.

Matos Soares traduziu: *“e as águas cobriram a terra durante cento e cinquenta dias. [...] Ora Deus lembrou-se de Noé, [...] e as águas, agitadas de uma parte para outra, retiraram-se de cima da terra, e começaram a diminuir, depois de cento e cinquenta dias. E, no sétimo mês, no vigésimo sétimo dia do mês, parou a arca sobre os montes da Armênia”* (MS).

Destaco: *“então, Deus lembrou-se de Noé, [...] e começaram a diminuir, depois de cento e cinquenta dias, [...] parou a arca sobre os montes da Armênia”*.

As duas traduções trazem duas informações muito importantes relacionadas com o dilúvio e a arca: depois de cento e cinquenta dias as águas começaram a baixar, e a arca *“pousou”, “parou”,* sobre os montes Ararate.

O verso 24 do capítulo 7 de Gênesis, endossa o argumento de que somente depois de cento e cinquenta dias as águas *“começaram a baixar”*: *“e as águas prevaleceram sobre a terra cento e cinquenta dias”* (NVI). *“Só cento e cinquenta dias depois é que as águas começaram a baixar”* (NTLH).

Matos Soares traduz Gênesis 8:4: *“no sétimo mês, no vigésimo sétimo dia do mês”,* em discordância com a maioria das traduções: *“no sétimo mês no décimo sétimo dia do mês”*. Para conferir validade ao período de cento e cinquenta dias, é preciso considerar: decimo sétimo dia do segundo mês até o *“décimo sétimo dia do sétimo mês”,*

A arca *“pousou”, “parou”*. Como entender que a arca *“pousou, parou”* *“no décimo sétimo dia do sétimo mês, nas montanhas de Ararate”,* cento cinquenta e oito dias depois de Noé entrar na arca, quando em verdade nesse dia as águas *“começaram a diminuir?”*

A INQUESTIONAVEL SOBERANIA DE DEUS

Analisemos com atenção Matos Soares: *“e as águas, agitadas de uma parte para outra, retiraram-se de cima da terra, e começaram a diminuir, depois de cento e cinquenta dias. E, no sétimo mês, no vigésimo sétimo dia do mês, parou a arca sobre os montes da Armênia”*.

A informação sugere que durante cento e cinquenta dias as águas *“prevaleceram sobre a terra”, permaneceram* estáveis, e então, começaram a

diminuir. E que, *“no sétimo mês no décimo sétimo dia do mês, a arca pousou (parou) sobre os montes do Ararat”* (Gn 8:4. Destaque acrescentado).

Entretanto, no seu relato, antes de registrar a data: *“décimo sétimo dia do sétimo mês”*, Moisés declarou que: *“então, Deus lembrou-se de Noé”*, para revelar o mais empolgante e maravilhoso acontecimento do dilúvio: de que a inquestionável e permanente presença da soberania de Deus na condução e controle de todos os acontecimentos do grande conflito espiritual e o plano da redenção, estava vigiando, protegendo e conduzindo a arca, boiando solitária, sob os olhos do Soberano eterno, que *“repousam sobre os justos”* (Sl 34:15, NAA), separada por um imenso volume de água de topos de montanhas submersas.

O salmista Davi proclamou a glória e majestade da onipresente teofania de Deus sobre a redondeza das águas: *“o Senhor assentou-se soberano sobre o dilúvio; o Senhor reina soberano para sempre”* (Sl 29:10, NVI).

Sobre a imensidão das águas cobrindo a Terra, incluindo os mais altos picos das montanhas, apenas um pequeno barco estava pousado, parado sobre as águas, porque *“o Senhor assentou-se soberano sobre o dilúvio”*. Que visão e imagem fantástica!

Setenta e quatro dias depois dessa visão maravilhosa da arca boiando solitária sobre a imensidão das águas do dilúvio, sob o cuidadoso manto protetor da fidelidade de Deus, *“no primeiro dia do décimo mês apareceram os topos das montanhas”* (Gn 8:5, NVI), formando os *“reservatórios de neve, e os depósitos de saraiva, que eu guardo para os períodos de tribulação, para os dias de guerra e de combate?”* (Jó 38:22, 23, NVI), anunciando para Noé o surgimento de um novo mundo na realização do plano redentor de Deus e preanunciando a restauração do planeta ao *“primeiro domínio”* (Mq 4:8)

O dilúvio não foi um acontecimento accidental ou um cataclismo natural das forças da natureza entrando em erupção violenta e descontrolada, causando uma devastação destruidora total em todo o planeta.

A criação não foi um acontecimento casual provocado por uma explosão que não tem explicação racional para mentes inteligentes.

O plano da redenção não encontra nenhuma explicação sem o ato criador do Universo pelo Deus eterno e Todo-Poderoso, e a existência do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás.

O Deus eterno que criou o Universo pelo poder de Sua Palavra, que estabeleceu o plano da redenção pelo poder de Sua presciência, destruiu a humanidade rebelde e pecadora por meio da poderosa ação destruidora do dilúvio, preservou um remanescente em um pequeno barco, pelo poder de Seu amor e providência, sobre o imenso volume de água que a tudo destruiu.

Deus estava acompanhando e cuidando da arca e sabia exatamente a posição dela sobre as águas do dilúvio em sua latitude e longitude, *“no décimo sétimo dia do sétimo mês”*, depois que por Sua ordem poderosa, *“todas as fontes das grandes profundezas jorraram, e as comportas do céu se abriram”* (Gn 7:11, NVI).

A arca não pousou, parou, nas montanhas, mas estava boiando nas águas do dilúvio, no local onde se encontram *“os montes da Armênia”*, separada por um imenso volume de água.

Essa maneira de compreender a declaração de Moisés, nos remete para a teofania relatada em Gênesis 1:2: *“e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas”* (NVI).

Também liga com Mateus 8:23-27, Marcos 4:35-41 e Lucas 8:22-25, lembrando a teofania de Jesus acalmado a tempestade no mar da Galiléia e os discípulos perguntando atônitos: *“Quem é este que até aos ventos e aa águas dá ordens, e eles lhe obedecem?”* (Lc 8:25, NVI).

Assim como a soberana presença de Deus se revelou sobre as águas envolvendo a terra *“sem forma e vazia”*; *“assentado sobre a redondeza da terra, cujos moradores são como gafanhotos, é ele quem estende os céus como cortina e os desenrola como tenda para neles habitar* (Is 40:22, ARA), assim como se manifestou a soberana glória e poder de Jesus ordenando aos elementos em fúria, para sossegar, preservando o frágil barco com os temerosos seres humanos que estava preparando para abalar o reino de Satanás, com a mensagem de amor e graça do evangelho, do mesmo modo manifestou a

presença do Seu soberano poder cuidadoso sobre a redondeza das águas do dilúvio protegendo e conduzindo a arca com a preciosa carga, sobre as águas do dilúvio, para desenvolver e executar o Seu eterno plano da redenção.

“Grande é o Senhor e digno de ser louvado; sua grandeza não tem limites” (Sl 145:3, NVI).